

(ENTRE)VISTAS E OLHARES CALEIDOSCÓPICOS: a cartografia social na formação de professores/as

(INTER)VEWS AND KALEIDOSCOPIIC LOOKS: a social cartography in the teacher's qualification

Emanuela Oliveira Carvalho Dourado¹, Edilania de Paiva Silva¹

ORCID IDS

Dourado EOC - <http://orcid.org/0000-0002-4083-235X>

Silva EP - <http://orcid.org/0000-0003-0262-3677>

RESUMO

A cartografia social emerge contemporaneamente como estratégia metodológica em várias abordagens científicas, produzindo rupturas nos modos de fazer pesquisa abrindo espaço para processos investigativos que delineiam uma nova concepção de ciência. Interessa-nos aqui o âmbito das teorias pós-críticas e pós-estruturalistas. A entrevistada, a Professora Inez Carvalho, traz valiosas contribuições para caracterizar o ato de cartografar nessas perspectivas, especificando sua diferença em relação a outros modos de fazer pesquisa em Ciências Humanas, especialmente na ciência da educação. A entrevistada nos dá pistas de como o pesquisador cartógrafo desenvolve o processo metodológico na sua relação participante com o objeto a ser cartografado, uma vez que esse tipo de investigação implica em uma proposta de pesquisa-intervenção – pesquisa-formação. Ainda, sugere contribuições dessa concepção e prática, visto que essa outra lógica de pesquisar, formar – cartografar se configura como um modo de produzir conhecimentos e intervir na realidade pesquisada.

Palavras-chave: Cartografia social. Pesquisa-intervenção. Pesquisa-formação.

ABSTRACT

The social cartography rises contemporaneously as a methodological strategy in many scientific approaches, creating breaks on the way of making research, opening space to investigative processes that design a new conception for science. Interest us here the scope of post-critics and post-structuralist theories. The interviewee, the Professor Inez Carvalho brings worths contributions for characterizing the act of doing cartography in these perspectives, specifying the differences regarding to other ways of making research in Humanities especially in Education Science. the interviewee give us cues of how a cartographic researcher develops the methodologic process in relation mainly to the object that will be cartographed, once this kind of investigation implies in a proporse of research-intervention - research-qualification. Yet, suggest contributions from the conception and practical, among others once this unusual logic for researching, training-cartographing get configured a way of producing knowledge and to intervene in the researched reality.

Keywords: Literature. Cartographies. Multiple languages. Literary literacy. Reader training.

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Autor Correspondente: edipaivasn@hotmail.com

Recebido em 13 de Setembro de 2019; Aceito em 27 de Abril de 2020.

A cartografia social emerge como estratégia metodológica para atender às demandas contemporâneas das pesquisas científicas, em especial nas ciências humanas, que consideram que uma dada realidade a ser investigada é composta de processos.

Nesta entrevista, conversamos com Maria Inez da Silva de Souza Carvalho que é professora titular da Faculdade de Educação FAGED/UFBA. A professora Inez Carvalho, como prefere ser identificada, é doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia e realizou estudos pós-doutorais em desenvolvimento curricular na Universidade do Minho. Conforme apresenta no seu Currículo Lattes, como estu- diosa de currículo coordenou o Projeto Irecê, um amplo projeto de ensino, pesquisa e extensão, que experienciou novo desenho curricular embasado dos princípios da complexidade em rede, tecnológica ou não. O campo de ensino do projeto é hoje campo de inúmeras pesquisas e projetos de extensão, vincula- dos ao grupo de pesquisa (certificado no diretório de grupos de pesquisa do CNPQ) FEP do qual é líder. Atualmente está em capacitação docente da UERJ, investigando Grupos de Pesquisas Acadêmicos em Currículo.

O texto evidencia as contribuições do ato de car- tografar no âmbito das teorias pós-críticas e pós-es- truturalistas, especificando a cartografia social e sua diferença em relação a outros modos de fazer pes- quisa. A entrevista foi realizada pelas autoras em ju- nho de 2019, através da rede Whatsapp, e sua trans- crição está considerada na íntegra.

Inez Carvalho nos inspira fornecendo pistas e fa- zendo encaminhamentos que indicam a cartografia como método transversal e aberto, tendo em vista que, segundo Pozzana e Kastrup (2009), cartografar é acompanhar processos. Assim, consideramos que aqui temos mais do que uma entrevista, temos uma defesa e um incentivo aos estudos do/com a pesqui- sa cartográfica.

VAMOS À ENTREVISTA.

Autoras: Boa tarde, professora Inez! Começamos agradecendo a sua disponibilidade para esta entre- vista sobre uma temática muito relevante para pes-

quisadores/as, em especial para aqueles/as que rea- lizam pesquisas na área das ciências humanas. Bem, as pesquisas científicas tradicionais que seguiam a lógica cartesiana apresentaram limitações na sua produção científica, com vistas a demandas contem- porâneas. Desse modo, a Cartografia Social emerge como estratégia metodológica no campo das teorias pós-críticas. Nessa perspectiva, essa nova forma de cartografar pode ser considerado um método de pesquisa? Quais as possibilidades, potencialidades e limites de seu uso nas pesquisas em educação?

Inez Carvalho: Pensemos assim, toda abordagem metodológica se assenta em um sistema de ideias. Os sistemas de ideias refletem um Espírito do tem- po. Então vamos conversar um pouco, antes de che- garmos diretamente na pergunta, sobre ‘espírito do tempo’. Estou pensando em meus estudos no dou- torado quando, na descoberta do sociólogo francês Michel Maffesoli¹, me vi à frente e me encantei com a ideia de espírito do tempo. A noção de espírito do tempo se distancia da noção de etapa histórica. Diga- mos que as etapas históricas são sempre construções teóricas que tentam “captar” o ‘espírito do tempo’. A etapa histórica ou a ‘face de um período’ é deter- minante, fundante dos acontecimentos, ao passo que o ‘espírito do tempo’ é a ressonância do geral atingindo o local, não é uma base. Assim, os sistemas de ideias capturam e se apropriam de ideias ressoa- das, as chamadas na física, de ‘ressonâncias’ que são como um vento, às vezes brisa, às vezes névoa, às ve- zes tornado; uma nebulosa atmosférica que envolve a tudo e a todos. Um espírito que, global, é sempre ‘desmanchado’ no local, onde insistem em conviver as mais diversas temporalidades, ou seja, caracterís- ticas de todas as etapas que, com maior ou menor intensidade, mesmo que remodeladas, estão sempre presentes.

Nos mais diversos períodos históricos, as tempo- ralidades, envoltas na nebulosidade do ‘espírito do tempo’ e como parte do movimento da complexida- de, às vezes são apropriadas pelas formas hegemô- nicas, às vezes passam quase que “naturalmente” a fazer parte do sistema, às vezes persistem em suas formas originais, sejam elas tradicionais ou de van- guarda. Então, se toda abordagem metodológica se assenta em um sistema de ideias, se um sistema de

ideias reflete o espírito do tempo, para conversar sobre uma abordagem metodológica precisamos nos perguntar: qual é o espírito de nosso tempo? Para esta resposta chamo Foucault². Uma citação de artigo meu³ de 2008 que se tornou, para mim, mais que uma citação, é ideia parte de meu sistema de ideias. A busco aqui pela Internet para evitar as perdas da citação de memória. Vou ler aqui:

Estamos num momento, creio eu, em que nossa experiência do mundo é menos a de uma vida longa que se desenvolve através do tempo, do que a de uma rede que liga pontos e faz intersecções com sua própria trama. Poder-se-ia dizer, talvez, que alguns conflitos ideológicos que animam a polêmica atual opõem os **fiéis descendentes do tempo** aos **decididos habitantes do espaço**. (Foucault, 1980, p. 22, destaque meu).

Simplificando, podemos dizer que vivemos momentos, nos últimos séculos, de padrão moderno, de um mundo de ‘descendentes do tempo’. O mais importante era/é a história universalizada. Entretanto, o movimento do tempo vai ressoando outros ventos e passamos a viver a desuniversalização, a descoberta que o local, o espaço, desmancha o mundo, ou seja, desmancha a universalização. Ou seja, a ciência que se marcava pelo tempo, passa a precisar, também, do espaço. Gosto muito de como Soja⁴, um geógrafo britânico, sintetiza: é necessário desenvolver uma imaginação que permita ‘enxergar’ o mundo com conexões mais ‘laterais’, com relações e sentidos que abrangem a simultaneidade, ou seja, o desenvolver de um pensamento lógico espacial. O que é isto a não ser cartografar? Em conclusão: Cartografar é um contemporâneo método de pesquisa, extremamente potente e, ao meu ver, tendo como limitação a ainda forte presença de uma imaginação muito fiel à crença de que o mundo caminha em uma linha temporal a um único final.

Autoras: As pesquisas que comungam de um pensamento científico de vertente considerada pós-moderna possuem entre suas características o abandono de conceitos como razão, verdade e totalidade, abrindo espaço para a busca de processos investigativos para uma nova concepção de ciência. Essas pesquisas cartográficas se alinham a esses referenciais. Como você a caracterizaria, “localizando-a” na história da produção científica e especificando em que

ela se difere de outros modos de fazer pesquisa em Ciências Humanas?

Inez Carvalho: Começo esta resposta, me permitindo discordar do posto na questão. Não diria que o pensamento pós-moderno abandona “conceitos como razão, verdade e totalidade”. Postulo que há uma relativização destes e outros conceitos e, principalmente, há validação de

outras noções como as de contingência, provisoriidade, entre outras. De fato, apesar destas ponderações, há um novo modo de perceber. Assim sendo, pode-se dizer que a “nova concepção de ciência” que ao relativizar o que antes era fortemente pré-definido sem legitimação a provisoriidade e as contingências e, assim como propõe Soja, é mais lateral mais simultânea, portanto, cartográfica. Mas... queria dar outro rumo a esta prosa. Sempre me incomodou uma separação estilo bang-bang – de um lado os mocinhos, de outro os bandidos – em análises críticas à modernidade. Mesmo, tentativas de minimizar tal absolutização, não me contemplavam, quando a asunção de algumas vantagens da modernidade e da ciência moderna, tipo a descoberta da cura de alguma doença, vem seguida de um ‘mas’ acompanhado de uma relação das coisas negativas, como se o mal e o bem fossem assim tão distintos. Esta preocupação, hoje, está revivada, pois vivemos um momento – internacional, mas, sobretudo nacional – em que a crítica ao mundo moderno está nos levando a perdas de fundamentais conquistas, só possíveis em um mundo que forjou a liberdade através da deslegitimação dos reis de direitos divinos no campo político e a obediência total e sem autonomia à família. Por mais que esta liberdade se fizesse por uma pretensa universalização que só atingia alguns, ela é fundamental e, hoje, nos resta não apenas refutar os seus equívocos, mas, talvez contraditoriamente, nos afeitar em sua defesa.

Autoras: Professora, podemos delimitar, então, um período do surgimento da cartografia? Como ela se encontra neste momento presente?

Inez Carvalho: Delimitar temporalmente é sempre um trabalho insano, pois é algo muito historicista. Retomando os termos foucaultianos, diria que é “missão impossível” uma “decidida habitante do es-

paço” responder à pergunta tão do campo dos “fieis descendentes do tempo”. Sendo assim, perguntaria: período do surgimento aonde? Um pensamento com lateralidade encontraria mil respostas, século XIX europeio com Nietzsche⁵? Com os franceses Guatarri⁶ e Deleuze⁷ em meados do século XX? Em algum lugar do mundo com muito dos seus seguidores? Ficarei no mundo oriental com H. K. Bhabha⁸ que ao contestar a ideia historicista de tempo como um todo progressivo e ordenado antevê a impossibilidade de reivindicar uma origem. A origem seria um mito, o Mito da Origem. Espero que ao ter me esgueirado de uma resposta objetiva, não tenha fugido do tema.

Autoras: Acreditamos que não... Mas sabemos que a Cartografia Social tem em Gilles Deleuze e Félix Guatarri seus principais representantes. Assim, quais as contribuições da filosofia deleuzeguatarriana para essas pesquisas cartográficas?

Inez Carvalho: A metáfora cartográfica é presença na obra de Guatarri e Deleuze. Procurando-se nas próprias obras e nas mais diversas análises sobre a obra, não será difícil encontrar: a cartografia como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência. A desconstrução é de natureza cartográfica. Portanto, com mais e menor radicalidade, tais ideias se apresentam a (quase) todos que se enveredam pela Cartografia social. Digamos que a Cartografia social tem o carimbo *deleuzeguatarriano*. Entretanto, não podemos esquecer que ambos morrem antes do despontar do século XXI e, de tudo o que ele (século XXI) abriga de ruptura tecnológica. Concordo com palavras que ouvi de Marcos Vilela⁹, estudioso da professoralidade, que a cartografia hoje é outra. Como incluir em nossa metáfora a quebra do N/S/L/O, como embaralhar as escalas – coisa que conseguimos hoje com um toque – como trabalhar com os deslocamentos que não dominamos em uma simples transferência de um dispositivo mobile de uma mão para outra? Tarefa que, se de alguma maneira, nos afasta das contribuições da filosofia *deleuzeguatarriana*, ao mesmo tempo, não pode se materializar sem as contribuições dela (filosofia) que é prehe potencialmente de tudo o que estava por vir.

Autoras: Como se dá o trabalho do/a pesquisador/a cartógrafo/a, uma vez que a cartografia não se define por procedimentos rígidos e previamente definidos? É possível tecer orientações para se produzir cartografias sociais como produto e processo investigativo?

Inez Carvalho: Ao me deparar com esta questão, me pus a pensar se todos/as os/as pesquisadores/as que se apoiam na Cartografia Social são pesquisadores/as cartógrafos/as. O que legitimaria a introdução deste adjetivo à categoria pesquisador/a? Ou não seria um adjetivo? Para jogar com uma tentativa de resposta, recorrerei à noção de *continuum*. Imaginemos que no *continuum* da cartografia social temos em um dos polos, a cartografia social como representação territorial e no outro, a cartografia social como plena metáfora. Entre um e outro, deslocamentos dinâmicos que ora se apresentam mais próximos de um dos polos e ora do outro. Qual localização neste *continuum* se aproximaria o pesquisador/a cartógrafo/a? Deixo em aberto e, vamos para a pergunta. A metodologia em qualquer processo que tem a intenção de se distanciar da ciência clássica é procedimento aberto. O que, sem sombras de dúvida, não se constitui na impossibilidade de orientações. Não poderia não lembrar de meu mestre Felipe Serpa¹⁰ que nos atenta para a existência de uma dimensão de infinitude dinâmica, em que sendo o campo da virtualidade, é explicitado o nosso sistema de ideias. Aqui para nós: simultaneidade, lateralidade, contingência, provisoriedade, não controle, e assim vai. Paralelo a esta dimensão, outra: a dimensão da finitude local, em que sendo o campo da materialidade, se fazem necessárias orientações para possibilitar a emergência de nosso sistema de ideias.

Autoras: O/a pesquisador/a implicado está imerso na experiência como condição *sine qua non* para o trabalho investigativo que, pelo seu caráter interventivo, mobiliza a participação dos participantes da pesquisa. Essa prerrogativa define a pesquisa cartográfica? O que poderia ser acrescentando ou delimitado à prática do/a pesquisador/a cartógrafo para caracterizar a cartografia social como uma proposta de pesquisa-formação?

Inez Carvalho: Não vejo assim. O trabalho de cartografia não é necessariamente um processo interventivo. Pode ser e vem sendo recorrentemente interventivo. Portanto, a prerrogativa de mobilizar a participação dos envolvidos no processo de produção de conhecimento é própria da pesquisa de intervenção e não da Cartografia social. Os dois juntos dão um belo trabalho. A questão da pesquisa-formação respondo com outra pergunta: Qual pesquisa não é formação?

Autoras: Quando falamos de pesquisa-formação, estamos nos referindo ao processo de formação não apenas do/a pesquisador/a, mas dos/as demais participantes da pesquisa e das propostas de formação que propõem formar pela/na/com pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa-formação ou investigação-intervenção representará sempre uma lógica horizontalizada das relações sociais?

Inez Carvalho: Afirmando que a cartografia social possui potencialmente uma dinâmica de horizontalidade. Defenderei que o método cartográfico é inventor (invenção, aqui utilizada, em sua origem semântica: deixar vir à superfície o que já existe) de cenários. Vejamos: O método cartográfico ao se afastar da linearidade temporal e abraçar a espacialidade, potencialmente inclui, movimento. Movimento que, forjador das mais diversas manifestações, é uma constante universal, Tudo o que acontece é/seria uma manifestação ordinária e compulsória tecedora de eventos. Os eventos apresentam duas dimensões: a Rotina que é a repetição sem atualização e o Ritual, a repetição com atualização. Considera-se que há um *continuum*, cujos polos opostos são: Rotina e Ritual (os conceitos rotina e ritual passam a fazer parte de meus estudos, por inspiração na tese de doutorado de Ester Maria Figueiredo – foi secretária de educação do município baiano de Vitória da Conquista. De lá para cá, após diversas atualizações, os traduzo como um *continuum*). Quanto mais próximo estiver do polo Rotina, mais será marcado pelo afastamento da ruptura e, ao contrário, quanto mais próximo do Ritual maior a possibilidade de uma ruptura. Cartografar este movimento é, portanto, algo que contempla a cotidianidade com suas manifestações que são mais ou menos rotineiras ou ritualísticas. Esse movimento sendo, ritual ou rotina, resulta em even-

tos, ou seja, o movimento leva ao fato (evento). Por definição, os eventos são únicos, não se repetem; seriam, portanto, segundo Whitehead¹¹, elementos de atualidade.

Por isso, em palavras do grande geógrafo baiano Milton Santos, que foi um dos responsáveis pela renovação da Geografia na segunda metade de século XX, a cada novo movimento as coisas preexistentes mudam o seu conteúdo e também mudam sua significação. Um entendimento de mundo que deseje levar em conta os eventos obriga-se, também, a diferenciá-los. Tudo passando pela linguagem. Diferenciá-los leva às visibilidades (materializações) que são os Cenários. Antever o mundo como cenário, do mais rotineiro ao mais ritualístico, alcança os/as pesquisadores/as no campo da alta energia (a dimensão da complexidade) onde não há mais conceitos opostos e, sim, um complexo cenário relacional, engendrado a partir de relações ecológicas, entendidas como relações entre as naturezas de todas as coisas. Nesse sentido, tudo contido nos cenários - desde os elementos mais naturais aos mais artificializados - é estruturante, nada é mera ilustração. Compreender os cenários é cartografar e (quase) compulsoriamente horizontalizar. Cartografar é vislumbrar virtualidades e, a partir delas, perpetrar localizações, tornando assim o ato objetivo. A invenção de cenários, sejam eles presentemente concretos, imaginários, perspectivantes do futuro (aí se encaixa a pesquisa-intervenção) é desveladora de compreensões, tarefa difícil e horizontalizante, posto que as abstrações, assim como a sua concretude não são um conjunto de chapéus dispostos organizadamente em uma estilizada chapeleira, mas chapéus perdidos na lama dos a-com-teceres, que tanto aduba como destrói.

Autoras: A cartografia social aponta para uma infinidade de campos de investigação, dentre eles o da educação. Desse modo, quais as contribuições da cartografia social para a produção de conhecimentos na formação de professores/as? Que mudanças apontam para as pesquisas?

Inez Carvalho: Colocarei os dois questionamentos – contribuição para a formação de professores/as e mudanças na pesquisa – no mesmo pacote. A cartografia social, assim como outras abordagens que

fogem do linearismo nos livra da crença no controle. Pensem: qual é o início de um mapa? Por onde devo começar a olhar? Lembrar da indeterminação leva meus pensamentos a Biesta¹² que, em minha tradução de leitura, diz que em educação a busca do controle é trabalho com a impossibilidade. E, finalmente, adentremos a que o título anuncia: olhares caleidoscópicos. Tudo o já dito aqui, com mais ou menos convicção, perambula por

imagens caleidoscópicas, como já anunciava no início do século passado Claude Lévi-Strauss¹³. Chegou à vez de lembrar minha amiga professora da Faculdade de Educação na UFBA, uma pedagoga baiana que possui importantes estudos na área de currículo e formação docente, a Roseli de Sá - chamando de realidade o que, aqui, podemos traduzir por Cenário - nos alerta que são produtos de uma combinação imprevisível e irreprodutível de fatores que podem e devem ser compreendidos. Eu acrescentaria: uma combinação caleidoscópica. Será bom começar com Clarice Lispector¹⁴ (com a garantia de que não é a Clarice fake news das redes sociais): “Eu não sou promíscua. Mas sou caleidoscópica: fascinam-me as minhas mutações faiscantes que aqui caleidoscopicamente registro”. Os caleidoscópicos são muitos conhecidos. Muitos de nós, inclusive, tivemos como lição de casa do ensino fundamental, a confecção de um

Se recorrermos a Wikipédia, podemos nos deparar com a seguinte descrição como: um aparelho óptico formado por um pequeno tubo de cartão ou de metal, com pequenos fragmentos de vidro colorido, que, através do reflexo da luz exterior em pequenos espelhos inclinados, apresentam, a cada movimento, combinações variadas e agradáveis de efeito visual. O nome “caleidoscópio” ou “calidoscópio” deriva das palavras gregas *καλός* (*kalos*), “belo, bonito”, *εἶδος* (*eidos*), “imagem, figura”, e *σκοπέω* (*scopeo*), “olhar (para), observar”. O dicionário Aurélio apresenta, também, uma acepção de sentido figurativo: sucessão rápida e cambiante (de impressões, de sensações). Conta-se que a invenção oficial do caleidoscópio – já que provavelmente era conhecido no século XVII, ou até mesmo muito antes, pelos antigos gregos - aconteceu a partir de experimentos sobre a polarização da luz realizados pelo cientista físico escocês, David Brewster¹⁵, no início do século XIX. Um invento

científico que ganhou o mundo como brinquedo e é muito propício a metaforizações. Nas palavras de Noel Gray, “poucos instrumentos científicos, com exceção possivelmente do microscópio e do telescópio, fizeram a sua presença tão amplamente sentida ou tenham demonstrado uma capacidade tão forte de metaforização”.

Entre os autores que se apropriaram da metáfora do caleidoscópio nos seus escritos está o estruturalista C. Lévi-Strauss que, no início do século XX, para dar maior visibilidade à sua concepção de pensamento selvagem, [explica]: “basta um movimento sutil para que a rosácea formada pelos pequenos cacos de vidro colorido se desfaça e dê origem a uma nova configuração”. Se as demandas por rupturas metodológicas (na pesquisa científica) advêm fortemente da crise da ‘impossibilidade do controle’, como já repetido enfaticamente, nada melhor do que observar as estonteantes imagens precipitadas neste artefato óptico – o caleidoscópio. A vida aflora a partir do centro de novos começos. Todas as coisas interminavelmente, reorganizando-se. O mundo é um verdadeiro caleidoscópio. Com o pensamento caleidoscópico, podemos nos desvencilhar de ‘como as coisas deveriam ser’, para expandir-nos em novas realidades. O importante neste processo é que não se busque uma imagem pré-definida como resultado. Abandonar o controle é o exercício. Ver/escutar/perceber/desenhar o devir histórico através de uma visão percepção prismática/caleidoscópica. Se podemos, acredito que sim, sintetizar o dito aqui, como a defesa de invenções de cenários que levem a compreensão dos arranjos espaciais contidos em cada cenário. Isto nada mais é do que cartografar, desde que a cartografia seja entendida como a captura do caleidoscópico que é cada evento. Sendo caleidoscópico, é único, é provisório, é mutante, é não controlável, é frustrador das intenções.

Assim dito, ousa afirmar que, tanto a formação de professores/as como as rupturas metodológicas na investigação científica, devem/precisam aprender/ensinar a cartografar cenários e para isto - contraditoriamente - é mais que necessário ultrapassar uma cartografia que se assenta em modernos padrões universalizantes, propostos desde o século XIX, que se limitam ao ensino de legenda, escala matemática

e padronização cromática em um reducionismo da complexidade presente compulsoriamente no mundo. O exercício é ‘caleidoscopiar’ os nossos mapas concretos, mentais, imaginários, perspectivantes e prospectivantes.

Autoras: Para finalizar, quais outros comentários ou contribuições gostaria de acrescentar acerca da temática do Dossiê?

Inez Carvalho: Gosto, para sintetizar o pensamento, inventar termos. O último deles é pensamento e conversas insones. Tentei praticá-lo nesta entrevista. Se não devemos reprimir nossos pensamentos insones e, sim, torná-los conversas, nada como o apoio da Cartografia Social ou, em um vai e vem que diria ‘derridiano’, nada como o apoio da conversa insone na Cartografia social. Reproduzo aqui, trecho de escritura ainda não publicada. Novas ideias comecem com pensamentos insones. Quando elas ainda (quase) não existem pipoca aqui e acolá, algum disparador: seja do lado de fora ou do mais recôndito da alma; seja fruto da procura dias a fio ou trazidas repentinamente, quiçá, pelo vento (também vale o do ventilador ou do ar condicionado); às vezes bem-vindas, outras nem tanto. Pensamento vai, pensamento vem, trazendo dilemas, tensões próprias da incompletude e da infinitude. São pensamentos indeterminados e sem controle. Pensamentos que tentamos vencer, pois é da natureza humana o desejo, sempre potente, de resolver os dilemas, se livrar das tensões, se completar em nossa finitude. Mas, o que seria natureza? E natureza humana? Aqui desviaremos nossos pensamentos insones de imaginar a natureza como *essência* – aquilo que é desde sempre – ou imaginá-la como *origem* – o mito fundador. Penso aqui natureza como a Força ativa que estabelece e tenta manter o que seria pretensamente a ordem natural do Universo e/ou primeva de cada universo. Os pensamentos insones, insolentes, aprofundam os dilemas; os desejos de solução, apoiados nas naturais forças ativas, conduzem ao pensamento desperto, o senhor das conclusões. A quietude das conclusões nos leva de novo ao sono, ao sonho, ao insone... Tudo caleidoscopicamente de novo. E, hoje, os meus pensamentos e leituras insones me deu o “roubo criativo” para o fim desta entrevista. Acontece neste mês de julho de 2019 a FLIP – Feira Literária de Parati

- que nesta edição homenageia Euclides da Cunha. Artigo do escritor mineiro, jornalista e crítico literário Sérgio Rodrigues, em sua coluna no jornal A Folha de São Paulo, sobre a obra de Euclides assim termina: *Método na loucura ou loucura no método?* Que tal trazermos a marota pergunta *Método na loucura ou loucura no método?* para a Cartografia social.

AS AUTORAS: FINALIZANDO...

Boa proposta, Professora Inez Carvalho!

Nós e os/as leitores/as da revista estamos gratas/os pelas suas ricas contribuições para a temática deste Dossiê.

Concluimos a entrevista com estas palavras e com a certeza de que com a cartografia não temos um ponto delimitado para começar ou finalizar. Qualquer lugar da carta é/pode ser um ponto de se puxar outros fios e de se fazer novas/outras conexões...

E, assim, encerramos este texto da entrevista destacando a sua invenção de termos, que no caso mais recente são as “conversas insones”. Fazendo uso desse vai e vem “derridiano”, aproveitaremos o ensejo para, como a entrevistada, mapearmos algumas boas pistas de suas fecundas provocações.

Nesse sentido, ela acrescenta a lógica das combinações caleidoscópicas, para metaforizar a invenção de cenários, desveladoras de compreensões horizontalizantes, de a-com-teceres, sejam eles presentemente concretos, imaginários... Aonde se encaixa a pesquisa-intervenção e, especialmente, a Cartografia Social, método de pesquisa tematizado. Posto que, na pesquisa científica, as demandas por rupturas metodológicas surgem da crise da impossibilidade do controle, como as imagens deste artefato óptico, que se alteram a cada novo movimento, ainda que numa escala micro. Nessa metáfora, ela nos diz que a “vida aflora a partir do centro de novos começos”, por reorganizações infinitas. O caleidoscópio é a metáfora do mundo, que nos desvencilha da premissa de *‘como as coisas deveriam ser’*, para abandonar o pretenso domínio em abertura ao devir.

Caleidoscopiar, assim como cartografar, trazem, portanto, uma percepção prismática dos “nossos ma-

pas concretos, mentais, imaginários, perspectivantes e prospectivantes”, como cita. Para ela, “os sistemas de ideias refletem um Espírito do tempo [...] que, global, é sempre ‘desmanchado’ no local”. Ao ressoar outros ventos, o movimento do tempo vai desuniversalizando, ou seja, o local, desmancha o mundo. Desse modo, é necessário, pois, “desenvolver uma imaginação que permita ‘enxergar’ o mundo com conexões mais ‘laterais’, com relações e sentidos que abranjam a simultaneidade”.

Logo, essa desconstrução é de natureza cartográfica, que em maior ou menor radicalidade, se enveredam pela Cartografia social. Que, segundo nos disse, “se de alguma maneira, nos afasta das contribuições da filosofia *deleuze-guattariana*, ao mesmo tempo, não pode se materializar sem as contribuições dela (filosofia) que é prenhe potencialmente de tudo o que estava por vir”. Um procedimento aberto, que se distancia da ciência clássica, numa dimensão de infinitude dinâmica (e virtual) de emergências do nosso sistema de ideias. De forma que, sendo a cartografia social potencialmente uma dinâmica de horizontalidade, o método cartográfico é inventor de cenários. Contudo, ela afirma que “mobilizar a participação dos envolvidos no processo de produção de conhecimento é própria da pesquisa de intervenção e não da Cartografia social. Os dois juntos dão um belo trabalho”.

Mas adianta que a absolutização, como a da ciência, que colocam o mal e o bem como tão distintos, está revivada na atualidade, na esfera internacional, mas, especialmente na nacional, e que essa “crítica ao mundo moderno está nos levando a perdas de fundamentais conquistas”. O vai e vem infinito...

NOTAS

¹ Michel Maffesoli (1944 -...) é um sociólogo francês conhecido, sobretudo, pela popularização do conceito de tribo urbana.

² Michel Foucault (1926 - 1984) conhecido filósofo francês, classificava seu pensamento como uma história crítica da modernidade. Seu pensamento foi muito influente para os estudos da educação.

³ CARVALHO, Inez. O a-con-tecer de uma formação. In: Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 29, p. 159-168, jan./jun. 2008a.

⁴ Edward William Soja (1941- 2015) geógrafo norte-americano crítico mordaz do historicismo.

⁵ Friedrich W. Nietzsche (1844 - 1900) filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, nascido na atual Alemanha. Exibia uma predileção por metáfora, ironia e aforismo, mesmo sem querer encontrar o Mito fundador, já não estariam aí sementes da pós-modernidade.

⁶ Félix Guattari (1930 - 1992) filósofo, psicanalista e militante revolucionário francês, praticamente autodidata, que não chegou a cumprir a burocracia de nenhum título universitário. Autor base para a Cartografia Social.

⁷ Gilles Deleuze (1925 - 1995) filósofo francês e parceiro autoral com F. Guattari. Inventor de alguns conceitos, entre eles o de Rizoma. Autor base para a Cartografia Social.

⁸ Homi K. Bhabha (1949 -...) pesquisador indiano, uma das mais importantes figuras dos estudos pós-coloniais.

⁹ Marcos Vilella Pereira (1960 -...) professor da Pontifícia Universidade Católica - PUC/RS, estudioso da professoralidade.

¹⁰ Felipe Serpa (1936 - 2003). Físico carioca, praticamente naturalizado baiano, foi reitor da Universidade Federal da Bahia/UFBA. Estudioso da Educação e professor da Faculdade de Educação, onde devido a sua importância era chamado de Pajé.

¹¹ Alfred North Whitehead (1861 - 1947) filósofo britânico fundador da escola filosófica conhecida como a filosofia do processo. Seu livro *Principia Mathematica* é considerado uma das obras mais importantes do século XX.

¹² Gert Biesta (1957 -...) holandês, professor de Teoria e Política Educacional.

¹³ Claude Lévi-Strauss (1908 - 2009) antropólogo

belga é considerado o fundador da antropologia estruturalista, em meados da década de 1950.

⁴ Clarice Lispector, nascida Haya Pinkhasovna Lispector (1925 - 1977) escritora e jornalista naturalizada brasileira, de origem judia, reconhecida como uma das mais importantes escritoras brasileiras. A frase citada na entrevista é do livro *Água Viva* de 1973.

¹⁵ David Brewster (1781 - 1868) cientista e inventor escocês.

REFERÊNCIAS

POZZANA, L.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

TEDESCO, Silvia H.; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana V.; A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: *Fractal, Revista de Psicologia*, v. 25 – n. 2, p. 299-322, Maio/Ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4944/4786>. Acesso em: 13 jun. 2019.